

“MÃE É MÃE, NÉ PAI?”: MATERNIDADE, TRABALHO E DESIGUALDADE EM DEBATE NO FACEBOOK

“MOTHER IS MOTHER, RIGHT?”: MOTHERHOOD, WORK AND INEQUALITY IN DEBATE ON FACEBOOK

RESUMO

Este artigo parte do objetivo geral de refletir sobre as diferentes formas pelas quais a maternidade é reconhecida e/ou problematizada nas redes sociais digitais enquanto uma instituição que oprime as mulheres/mães. Para tanto, analisamos o caso do post “Mãe é mãe, né pai?”, publicado no Facebook em 2018, a partir das diferentes posições e interpretações suscitadas pelos(as) internautas em um debate composto por mais de 10 mil comentários. A publicação, de autoria de uma mãe de três filhos que apresenta cenas da rotina materna e a sobrecarga enfrentada em seu cotidiano, questiona a desigualdade que está por trás de um modelo de maternidade intensiva e patriarcal. Para a catalogação e sistematização dos diferentes sentidos postos em circulação nos comentários, acionamos a metodologia da Análise de Conteúdo proposta pela autora Laurence Bardin (1995), refletida no âmbito das redes sociais digitais por Raquel Recuero (2015). Os 1089 comentários selecionados foram agrupados e analisados à luz dos dez pressupostos ideológicos que moldam a cultura da maternidade patriarcal, elaborados por Andrea O’Reilly (2016).

Palavras-chave: Maternidade. Maternagem. Trabalho. *Facebook*.

ABSTRACT

This article has the general objective of reflecting on the different ways in which motherhood is recognized and /or problematized in social media as an institution that oppresses women/mothers. To this end, we analyzed the case of the post “Mother is a mother, right?”, published on Facebook in 2018, based on the different positions and interpretations raised by Internet users through a debate composed of more than 10.000 comments. The publication, authored by a mother of three who presents scenes of her maternal routine and the overload faced in her daily life, questions the gender inequality that underlies an intensive and patriarchal maternity model. For the cataloging and systematization of the different meanings put into circulation in the comments, we used the Content Analysis methodology, proposed by the author

Milena Freire de Oliveira-Cruz

Doutora em Comunicação, Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: milena.freire@ufsm.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5513-3837>

Marina Judiele dos Santos Freitas

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: marinafreitas.js@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7822-8633>

Isadora Severo

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: isasevero@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4728-2095>

Laurence Bardin (1995), reflected in the scope of social media by Raquel Recuero (2015). The 1089 selected comments were grouped and analyzed by the perspective of the ten ideological assumptions that shape the culture of patriarchal motherhood, prepared by Andrea O'Reilly (2016).

Keywords: Motherhood. Mothering. Work. Facebook.

Introdução

No dia 22 de março de 2018, a fotógrafa Maria Emilia Dinat publicou em sua página no *Facebook*, denominada Amor Plural (atualmente Caos e Amor), um post intitulado “Mãe é mãe, né pai? A saga de uma mãe/mulher/trabalhadora nos tempos atuais”. Numa sequência de 24 fotos/imagens, Maria Dinat retrata seu cotidiano para cuidar de três filhos, da casa e manter sua atividade profissional. A postagem manifesta as dificuldades de conciliar tais demandas, muitas vezes naturalizadas ou invisibilizadas no cotidiano, assumindo um tom crítico no que diz respeito às opressões de gênero: “Tô cansada e não é das coisas que tenho pra fazer. É dessa desigualdade ridícula”, escreveu Maria Dinat.

O conteúdo repercutiu de maneira intensa nas redes sociais digitais e fora delas. No próprio post, foram mais de 19 mil reações, 10 mil comentários¹ de internautas (que continuam se manifestando mesmo após quase três anos da publicação), com demonstrações de apoio ou de discordância às posições da mãe e fotógrafa. Além disso, foram mais de 95 mil compartilhamentos da postagem no *Facebook*, que resultaram na cobertura do fato por pelo menos quatro sites/revistas online de grande circulação nacional e/ou dirigidos ao público materno: Portal Bebê.com e Revista Veja, da Editora Abril; Portal Universa, do UOL; e Revista Crescer, da Editora Globo. Mas, se o que Maria Dinat exhibe em seu post é parte do cotidiano da maioria das mulheres, por que este conteúdo causa tamanho impacto e gera tantas discussões ao ser posto em circulação na rede?

A resposta, que parece simples, traz no fundo uma situação contraditória experimentada pelas mães: a atribuição dos cuidados e das responsabilidades com os filhos, bem como a possibilidade de sacrificar sua vida pessoal e profissional em detrimento destas demandas, são atitudes presumidas (e até mesmo esperadas) de modo quase que exclusivo a elas. Esta construção, que é social, cultural e histórica, leva à sustentação de sentidos hegemônicos sobre como as mulheres devem reconhecer e também (re)produzir representações sobre o que significa ser (uma boa) mãe. Esta deve “[...] por um lado, manter-se vaidosa, recuperar a silhueta anterior à gravidez, cuidar da aparência e, por outro, ser paciente, ter bom-humor, estar animada e encantada com suas obrigações maternas” (FIGUEREDO SOUZA; POLIVANOV, 2019, p. 46).

¹ Considerando a soma dos comentários da postagem e aqueles adicionados às fotos/imagens individualmente.

A mensagem exposta por Maria Dinat, neste contexto, aparece como a quebra de uma lógica presumida do que se espera falar sobre a maternidade, especialmente nas redes sociais digitais - cuja dinâmica, na maior parte das vezes, tende a valorizar a exposição de situações e/ou sentimentos felizes. Assim, expor as dificuldades da maternidade e questionar a desigualdade na divisão sexual do trabalho doméstico torna-se um manifesto que reivindica novos olhares para pensar os papéis relacionados ao cuidado. Nos últimos anos, as redes sociais digitais têm sido um espaço em que estes debates vêm ganhando força, e consolidando a permanência de uma temática denominada pelas próprias mães de “maternidade real”.

Tendo em vista que esta posição crítica com relação à idealização da maternidade é parte de uma circulação de mensagens, cujos sentidos são construídos e compartilhados pelas próprias mães, nos dedicamos neste artigo a analisar o caso do post da fotógrafa Maria Dinat a partir das leituras e interpretações que suscitaram um amplo debate na rede através dos comentários. Utilizamos métodos pertinentes à Análise de Conteúdo conforme a perspectiva de Laurence Bardin (1995) e Raquel Recuero (2015) para catalogar e categorizar os dados de 1089 comentários, que foram tensionados a partir dos pressupostos do feminismo matricêntrico de Andrea O’Reilly (2016).

A maternidade opressiva e seus reflexos nas vivências femininas

O debate que propomos neste texto parte de duas premissas que, de modo geral, orientam o papel social que foi construído cultural e historicamente e, por consequência, subjetivado pelas mulheres/mães. A primeira, diz respeito à compreensão da maternidade enquanto experiência e instituição social. O segundo argumento parte da associação entre a maternidade e o cuidado, que reverbera na compreensão de práticas e rotinas tomadas como certas, inerentes à figura feminina que, por sua vez, não são reconhecidas como trabalho.

A noção da maternidade como instituição se sustenta a partir dos significados sociais que são construídos e postos em circulação, tal como “uma ideologia que passou a exaltar o papel natural da mulher como mãe, atribuindo-lhe todos os deveres e obrigações na criação do(a)s filho(a)s e limitando a função social feminina à realização da maternidade” (SCAVONE, 2004, p.173). Essa reflexão permite observar a maternidade como uma opressão de gênero, que assume contornos variados conforme as desigualdades sociais e diferentes realidades vividas pelas mulheres e suas famílias:

Família e maternidade são vividas de formas distintas pelas mulheres (e também pelos homens e pelas crianças), segundo sua posição relativa em outros eixos da opressão nas sociedades, como classe, raça e sexualidade. Embora a dimensão do controle mostre o quanto determinadas formas de organização da família

são custosas e restritivas para as mulheres, a vivência familiar - e, em especial, a vivência em relações que correspondam aos padrões hegemônicos numa sociedade - pode ser uma espécie de troféu. Isso ocorre porque muitas pessoas não têm acesso a formas valorizadas de vida e também porque legislação e políticas públicas podem definir (ou pressupor) “a família” como excludente (BIROLI, 2018, p. 100).

Ao mesmo tempo em que consideramos a importância de perceber a diversificação de experiências, ressaltamos a permanência de um modelo de maternidade preponderante nas sociedades ocidentais. Tal perspectiva foi construída a partir da associação entre os processos de urbanização, fortalecimento do sistema capitalista e a consolidação dos Estados que “incorporou a posição da mulher como mãe, no centro das políticas de gestão da vida” (MEYER, 2005, p. 82). Falamos, portanto, de mulheres/mães variadas, que vivem e veem o mundo de diferentes formas. O que aproxima suas vivências maternas é o modo como se sustenta o seu papel social e a expectativa que se constrói de modo coletivo e individual, em torno de suas práticas materiais e afetivas, suas escolhas e prioridades (O'REILLY; RUDDICK, 2009, p. 17).

Para Andrea O'Reilly e Sara Ruddick (2009), a maior parte das pesquisas sobre o tema se limita a refletir a maternidade como uma instituição e uma ideologia que oprime as mulheres, sem se dedicar à análise das atividades, experiências e sentimentos que englobam as vivências maternas. Para as autoras, é importante perceber que os dois processos são inseparáveis, interdependentes. No campo dos estudos maternos, dois conceitos são trabalhados por O'Reilly (2013) e ajudam a elucidar esta relação: a maternidade e a maternagem. No Brasil, Maria Collier de Mendonça (2018, p.496-7) fez a tradução dos dois conceitos para a língua portuguesa, refletindo a maternidade a partir da perspectiva institucional, simbólica e cultural, sendo associada ainda ao âmbito biológico. Já a maternagem diz respeito às ações e atividades contínuas que remetem ao cuidado direto com as crianças - atribuídas e/ou realizadas prioritariamente pelas mães, mas não somente por elas.

Quando O'Reilly (2016) reivindica a construção do feminismo matricêntrico, argumenta ser necessário considerar as opressões de gênero adicionais, de ordem social, econômica, política, cultural e psicológica que são vividas pelas mulheres especificamente em razão da experiência da maternidade. Para ela, os problemas inerentes à maternagem são centrais na vida das mulheres que são mães, e, por isso, é preciso empreender um esforço teórico e político que posicione essas questões.

Um dos eixos centrais para a compreensão dos conflitos que estão intrínsecos à experiência da maternidade está na construção social do papel da mãe como principal responsável pelos cuidados com a criança. Tendo em vista que as atividades relacionadas ao cuidado são de ordem prática e também mental/emocional, o trabalho materno torna-se constante e intermitente, implicando para a mãe um estado de permanente prontidão: “Essa noção de ser, em vez de fazer, predomina no

pensamento e na compreensão da maternidade. Ao chamar as mães para ‘estarem lá’, instituímos uma condição impossível de onipresença e competência para a plena satisfação das necessidades da criança” (MAHER, 2004, p. 7, tradução nossa).

JaneMaree Maher (2004), afirma que esse “estado de ser” associado à maternidade essencializa as formulações sobre a identidade materna. Por um lado, exige presença constante e auto-sacrifício da mulher/mãe. Por outro, toma como “características” as habilidades e práticas que são aprendidas em um processo relacional. Por esta razão, a autora reivindica a descrição da maternagem como um trabalho, passível de ser observado na materialidade das atividades e trocas entre mulheres e crianças.

Ao pensar sobre a maternagem, Sara Ruddick (O'REILLY; RUDDICK, 2009) destaca que sua conformação se dá a partir de práticas que são socialmente organizadas, que podem variar de acordo com a circunstância histórica e cultural observada. A ideia de construção social da maternagem ajuda a identificar capacidades cognitivas, critérios de verdade e concepções de virtude que norteiam o trabalho materno de modo pré-reflexivo. A autora denominou de “*maternal thinking*” as dinâmicas de ordenamento da vida cotidiana, conciliação de interesses e rotinas que demandam as mães de modo subjetivo e emocional. Assim, tomadas como inerentes à mãe, mascaradas como sinônimo de afeto, desígnio ou instinto, as práticas da maternagem (materiais ou mentais) são invisibilizadas - o que contribui para a desigualdade de gênero no que diz respeito à divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, alicerça a sobrecarga feminina.

Em estudo quantitativo² que analisa a evolução das relações entre gênero, trabalho e família no Brasil, Clara Araújo et al (2018, p. 39-41) demonstram que as mulheres tendem a perceber que a maior parte das atividades de cuidado com os filhos pequenos (até 12 anos) não é dividida com o cônjuge, sendo desempenhadas sempre ou geralmente por elas. Deste modo, segundo as entrevistadas, são ocupações prioritariamente delas: vestir e dar banho nas crianças (75,9%); dar comida (74,6%); acompanhar atividades escolares (73,6%); levar ao médico (72,1%); levar e pegar na escola (66,3%). A única tarefa que teve a divisão igualitária entre os pais como índice mais apontado foi brincar (47,3%), reforçando a premissa que a sensível mudança no envolvimento paterno com os filhos nos últimos anos no Brasil, tem sido principalmente através de atividades lúdicas - restando as demandas cotidianas mais desgastantes para as mulheres.

O mesmo cenário de desigualdade se mantém no que diz respeito à divisão das tarefas domésticas. O estudo “Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil”, realizado pelo IBGE (2021) e compilado a partir de dados da PNAD Contínua/2019, revelam que, em média, as mulheres brasileiras dedicam 21,4 horas semanais aos afazeres de organização e manutenção da casa. A soma é quase o dobro das horas destinadas semanalmente pelos homens às mesmas funções - 11h.

² A pesquisa trabalhou com uma amostra representativa da população brasileira de 18 anos e mais, de caráter probabilístico, contando com 1.575 entrevistas em todo o Brasil. Maiores informações sobre metodologia aplicada podem ser conferidas em Araújo et al (2018)

A desigualdade também pode ser observada entre as mulheres, quando se associam a outros critérios, como a classe social. Enquanto as mulheres pertencentes ao grupo que detém 20% da faixa mais alta de renda do país dedicam em média 18,2 horas semanais aos cuidados com pessoas e afazeres domésticos, as que fazem parte do estrato de 20% com menores rendimentos, dispõem 24,1 horas por semana para as mesmas tarefas.

A inclusão da experiência da maternidade na vida das mulheres acrescenta demandas práticas e subjetivas às suas rotinas que, por sua vez, têm impacto direto em sua presença no mercado de trabalho. O mesmo levantamento do IBGE (2021) demonstra as diferentes participações, compiladas na tabela abaixo:

Tabela 1 - Diferenças na participação no mercado de trabalho - Brasil, 2019

| Participação na força de trabalho ³ | Homens | Mulheres |
|--|--------|----------|
| Média nacional | 73,7% | 54,5% |
| Com idade entre 25 e 49, cuidadores de crianças de até 3 anos | 89,2% | 54,6% |
| Com idade entre 25 e 49, sem crianças ou sem crianças na faixa etária até 3 anos | 83,4% | 67,2% |

Fonte: adaptado pelas autoras a partir de IBGE (2021)

A partir dos dados, percebe-se que a inserção das mulheres no mercado de trabalho é diretamente proporcional à idade dos filhos: quanto mais nova a(s) criança(s), menor a sua participação na esfera produtiva - diferença que aumenta quando vinculada à raça/etnia. Enquanto 49,7 % das mulheres negras com filhos de até 3 anos estão ocupadas ou procurando trabalho, o índice se eleva para 62,6% entre as mulheres brancas. Na análise da tabela, a comparação evidencia ainda a relação entre provedores(as) e cuidadores(as), tão debatida nos estudos feministas e ainda persistente em nossa realidade. Homens com filhos pequenos têm uma diferença na participação na força de trabalho de quase 30 pontos quando comparados às mulheres, que se mantêm em boa parte no âmbito doméstico. Além de uma questão de gênero, impõe-se a necessidade de refletir sobre a falta de políticas públicas que favoreçam a inserção e manutenção das mulheres no mercado formal de trabalho.

Na perspectiva da subjetivação que deriva desta desigualdade, é interessante pontuar que as projeções e os objetivos profissionais para as mulheres estão comumente condicionados aos planos de maternidade. A conciliação dos polos de trabalho remunerado e doméstico termina sendo, muitas vezes, fruto de culpa e insatisfação. Desse modo, estabelecem-se novos tipos de sobrecargas emocionais às mulheres, geradas pelo desafio de ser eficiente no trabalho e cumprir suas atividades

³ Pessoas com 15 anos ou mais, empregadas ou em busca de trabalho, em relação ao total de pessoas nessa faixa etária.

organizacionais na família e, ao mesmo tempo, corresponder às cobranças emocionais que são socialmente estimuladas (ARAÚJO; SCALON, 2005, p. 21).

Neste sentido, Felícia Picanço e Clara Araújo (2019) refletem sobre como a intensificação do trabalho remunerado e a manutenção das tarefas relacionadas ao cuidado reverberam de maneira mais consistente nas narrativas de cansaço e falta de satisfação geral sobre a vida entre mulheres. Neste sentido, é fundamental perceber que as formas pelas quais a conciliação do trabalho produtivo e reprodutivo são dimensionadas emocionalmente pelas mulheres se articulam com outras dimensões da vida. Para as autoras, é muito importante que os sentimentos e, especialmente, a recorrência da afirmação de cansaço, estejam na pauta das pesquisas sobre desigualdade de gênero (PICANÇO; ARAÚJO, 2019, p. 736).

Maternidade nas redes: permanências e resistências às representações hegemônicas

No post que analisamos neste artigo, Maria Dinat demonstra sua rotina e as dificuldades em conciliar o trabalho como fotógrafa e as demandas domésticas e de cuidado com os filhos, que ficam subentendidas como prioritariamente suas. Por fim, revela abertamente seu cansaço com a desigualdade que se impõe em sua vida e na das mulheres de modo geral. Ao todo são 17 fotos, mais 7 imagens com textos que demonstram seus sentimentos e reivindicações. Como o objeto central de nossa discussão são os comentários, reproduzimos aqui algumas imagens da postagem para fins de familiarização da leitura com o debate gerado pelos(as) internautas.

Figura 1 - Cenas da rotina de Maria Dinat com os filhos



Fonte: Compilação das autoras a partir do post

Figura 2 - Cenas da rotina de Maria Dinat com os filhos 2



Fonte: Compilação das autoras a partir do post

No primeiro bloco de imagens (figura 1) Maria Dinat dá o primeiro banho nos três filhos, cozinha segurando o bebê nos braços, tenta responder suas mensagens profissionais enquanto amamenta. No segundo bloco (figura 2), ela demonstra o pouco tempo que tem para si ao tomar banho em 2 minutos, alimenta as crianças e as leva para a escola. Por fim, dá sequência à compreensão das imagens com seu texto/testemunho:

E depois de tudo isso, tenho que ir no mercado, trabalhar (ou fotografando ou editando) buscar eles na escola às 17:45h, dar banho de novo, dar janta, atenção, às vezes umas broncas pq eles gritam muito e minha cabeça dói e colocar para dormir, mas este processo demora muito, tipo até umas 23h. Não mostrei minha rotina para ganhar elogio, parabéns ou 'nossa como você é foda'. Mostrei porque mãe é mãe, né, pai? Isso não acontece só na minha vida. Isso acontece na vida de todas as mães. Maternidade é uma solidão, um eterno se vira nos 30 e mesmo tendo o apoio do marido, sobra tudo pra mim. Tem pai que dá banho, troca fralda, faz o Tetê para criança de noite, fica com a criança pra mãe trabalhar de noite e de final de semana, lava uma louça, passa uma vassoura e são vistos como homens fantásticos! São vistos como super pais, pais exemplos. O que esses pais fazem é apenas normal. O que nós fazemos é que não é. Tô cansada e não é das coisas que tenho que fazer, é desta desigualdade ridícula.

Para observar o post e, especialmente, a repercussão que ele gerou, é preciso considerar o contexto em que se inscrevem as tensões que iremos analisar. Em

primeiro lugar, temos a manutenção da maternidade como uma construção social, cujas representações hegemonicamente aceitas e estimuladas são aquelas que exaltam o afeto, a plenitude, o prazer e o aprendizado. As dificuldades, a abnegação ou os sacrifícios, neste contexto, são ressignificados pela ideia de recompensa afetiva e experiências que somente as mães podem desfrutar.

Num segundo momento, é importante pontuar que as redes sociais digitais, como um ambiente de interação social de amplo alcance⁴, têm assumido um papel muito importante para compreender as relações intersubjetivas e os processos de formação identitária (CAMPANELLA, 2019) oriundos das trocas e da performatividade ali presentes.

Os sites de redes sociais constituem, portanto, espaços que possuem recursos por meio dos quais os usuários articulam a maneira como desejam se apresentar aos demais – ainda que mediados pelos próprios softwares e dispositivos de interação – empreendendo performances de si nesses espaços. São ambientes em que o usuário seleciona quais aspectos de sua personalidade, trajetória e/ou rotina serão revelados ao olhar alheio, com finalidades diversas. Assim, editar um perfil pessoal em um site como o Facebook é entendido aqui enquanto uma forma de autoapresentação e construção de identidade (Boyd e Heer, 2006; Recuero, 2014; Miller, 2011; Polivanov, 2014), tendo em vista uma intencionalidade performática, projetando-a ao público pelo qual deseja ser visto. (FIGUEREDO SOUZA; POLIVANOV, 2019, p. 44)

O post de Maria Dinat, neste contexto, aparece como uma contranarrativa, uma interrupção ao que está previsto para aquele espaço, especialmente quando aborda a maternidade de modo não idealizado. Seu testemunho, na verdade, é parte de uma série de outras narrativas que, nos últimos anos, têm desafiado a lógica hegemônica dos usos das redes sociais digitais e construído um debate que reivindica a reflexão sobre as dinâmicas e dificuldades enfrentadas pelas diferentes mulheres/mães.

O que se denomina na rede como “maternidade real” pode ser entendido como uma politização do domínio privado, que se pauta no reconhecimento de viver e exercer a maternagem de diferentes formas (LAUXEN; QUADRADO, 2018, p. 9). Esse movimento pode ser visto como um interessante campo de disputa feminista, que postula relações mais iguailárias no que diz respeito ao cuidado e ao trabalho reprodutivo, potencializado de modo organizado ou espontâneo através do uso das redes sociais digitais. Neste contexto, Ana Carolina Escosteguy (2018, p. 25) aponta que os movimentos feministas desde cedo reconhecem o relevante papel dos meios

⁴ Uma reportagem produzida pelo site Resultados Digitais posiciona o Facebook em primeiro lugar na lista das redes sociais mais usadas em 2020. Segundo a reportagem, o Facebook é não só a rede social mais popular a nível mundial, possuindo mais de 2,7 bilhões de contas ativas no globo, mas também no Brasil, com cerca de 130 milhões de contas brasileiras ativas. Fonte: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em 02 março de 2021.

de comunicação como suportes através dos quais podem ser ampliadas as vozes e fortalecidas as ações políticas do movimento. E, no caso da efervescência recente das redes sociais, é obrigatória a atenção da análise sobre o ativismo das mulheres como forma de intensificar o avanço social.

Estas reivindicações, entretanto, não circulam nas redes sem resistência. As críticas, controvérsias e debates repercutidos em mais de 10 mil comentários no post “Mãe é mãe, né, pai?” são uma demonstração da permanência da maternidade como uma instituição opressora para as mulheres (O’REILLY, 2013; 2016). Essa proposição revela uma perspectiva bastante frutífera para observar as representações circulantes sobre a maternidade no contexto das redes sociais digitais, que se constituem como um campo de interações e construções sociais. Através dos diferentes pontos de vista ali expostos, torna-se possível analisar posições que sustentam a concepção hegemônica/opressora da maternidade em oposição a processos de ressignificação, de negociação ou de resistência a esta estrutura.

Para refletir sobre as estruturas patriarcais que sustentam a maternidade na sociedade ocidental, O’Reilly (2016) sistematizou dez pressupostos que permitem compreender este engendramento. Com base nesta reflexão, portanto, elaboramos a análise interpretativa dos comentários, a fim de compreender as diferentes posições que ocupam os discursos presentes no corpus, a partir da construção teórico-metodológica que apresentamos a seguir.

Proposta teórico-metodológica

Para analisar o post “Mãe é mãe, né, pai?” a partir das diferentes posições e interpretações suscitadas pelos(as) internautas no debate composto por mais de 10 mil comentários, tornou-se necessário planejar uma dimensão que conciliasse a nossa perspectiva teórica sobre o tema com um recurso metodológico que desse conta de observar e categorizar um corpus bastante amplo.

Deste modo, optamos por sistematizar os dados a partir dos princípios da Análise de Conteúdo (AC). Ao considerar o uso da Análise de Conteúdo no estudo das redes sociais digitais, Raquel Recuero (2015) reflete que estes espaços digitais são constituídos por ferramentas que permitem com que os atores repliquem, nos processos online, expressões sociais dos processos que comumente ocorrem off-line, mas que não necessariamente são iguais a estes. Assim, na internet, as relações não se dão de forma análoga ao off-line, são reinterpretadas e reconstruídas com características novas e com novas implicações. As redes sociais, por sua vez, constituem novos espaços públicos, cujas trocas, diálogos e conexões devem ser consideradas segundo o contexto social, cultural e histórico em que se inserem.

Raquel Recuero (2015) aponta ainda a necessidade de considerar as características das dinâmicas dos públicos que circulam nas redes. Primeiro porque muitas vezes existe a presença de audiências invisíveis, ou seja, o fato de

que os participantes não estão completamente visíveis/discerníveis na rede, seja pelo anonimato, ou porque não é possível averiguar o contexto social em que se inscreve aquele ator e sua respectiva fala. Deste modo, entendemos que a análise que propomos limita-se aos sentidos dos textos expostos nos comentários, não sendo fruto da observação a vinculação aos seus enunciatários. A autora alerta também para a verificação de possíveis colapsos dos contextos entre objeto de estudo e sua análise, marcados pela permeabilidade das fronteiras temporais da rede. Além disso, Recuero(2015) afirma ser importante considerar o frequente “borramento” das fronteiras entre o público e o privado, presentes nos registros nas redes sociais digitais.

Neste sentido, entendemos que a dimensão temporal da publicação e sua análise não demanda uma reconsideração do contexto, dada a proximidade cultural e histórica com o debate observado. Por outro lado, nos sugere a manifestação desta ressalva para leituras e interpretações futuras. No que diz respeito à permeabilidade entre a esfera pública e privada, consideramos que a repercussão em torno do post “Mãe é mãe, né pai?” se funda justamente nesta dinâmica, trazendo para o espaço público questões de ordem privada, como é o caso dos sentimentos e contradições derivados da experiência da maternidade como uma construção social e uma opressão de gênero.

No que diz respeito às fases metodológicas baseadas na AC, seguimos a proposta de Laurence Bardin (1995), começando pela pré-análise do material a ser estudado. Iniciamos nossa coleta no dia 12 de agosto de 2019, selecionando os principais comentários feitos em cada uma das 24 fotos/imagens postadas. Assim, optamos por coletar a amostra utilizando a seção de comentários mais relevantes do Facebook, para entender quais eram as temáticas que estimulavam maior engajamento entre os usuários.

A classificação foi feita primeiramente a partir de uma leitura flutuante, que consiste em estabelecer um primeiro contato com os documentos e, assim, analisar e conhecer o texto através das primeiras impressões de leitura das pesquisadoras. Durante o período de análise que se estendeu de setembro até novembro de 2019, os comentários foram separados e agrupados de acordo com seu sentido semântico e léxico dentro das categorias criadas (BARDIN, 1995). Tendo em vista o volume de dados significativo, foi usado como critério de coleta a regra da exaustão (idem, 1995), cujo objetivo consiste em agrupar todas as amostras dentro do corpus escolhido, ou seja, os comentários que faziam parte da seção de mais relevantes do Facebook, dentro da postagem “Mãe é mãe, né pai?”.

Optamos pela escolha quantitativa dos comentários para, logo em seguida, passar para a ordem qualitativa. Estes comentários foram separados em um documento no Word, classificados manualmente através de um sistema de cores de acordo com as temáticas abordadas e transpostos para um arquivo no Excel para melhor organização das categorias elaboradas.

Assim, chegamos ao total de 1089⁵ comentários coletados. Destes, 325 foram considerados irrelevantes. A exclusão desses comentários se deu por razões diversas, como, por exemplo, aqueles que apenas marcavam pessoas e diálogos que estavam fora de contexto. A escolha por ignorá-los em nossa análise, se estabeleceu partir do critério de análise do spam, pois, “embora ele apareça em quase todos os tipos de comunidade online, ele não pode ser considerado igual às interações entre os membros da cultura, e não podem ser coletados e analisados como o mesmo tipo de dados de comunidades online” (KOZINETS, 2014, p.101).

Após finalizado o período de coleta, sistematizamos as categorias de modo a classificar o material e tornar sua análise mais consistente. De acordo com Bardin (1995, p.118), “classificar elementos em categorias, impõe a investigação do que cada um deles têm em comum uns com os outros. O que vai permitir o seu agrupamento, é a parte comum existente entre eles”. Desta maneira, nossa classificação se deu primeiramente em dois grandes grupos, considerando as posições de decodificação da mensagem do post.

De modo preliminar, as posições nos remetem ao modelo *Encoding/Decoding* de Stuart Hall (2009). Ao articular produção (codificação) e recepção (decodificação) da mensagem, o autor aponta para a pertinência de considerar diferentes possibilidades de decodificação de uma mesma mensagem: a hegemônica/dominante, a negociada e a opositiva. Na posição dominante, a decodificação dá-se nos termos do código referencial no qual ela foi codificada. A decodificação negociada contém elementos de adaptação e de oposição ao discurso hegemônico. Já na oposição, o receptor destotaliza a mensagem do código preferencial para retotalizá-la em outro referencial, decodificando a mensagem de maneira globalmente contrária (HALL, 2009, p. 377-379).

Dentro destes eixos criamos subgrupos, resultando em um total de sete categorias no agrupamento a favor da posição proposta no post (decodificação dominante) e oito subcategorias no agrupamento contra (decodificação opositiva). A sistematização dos elementos dentro destes dois eixos realizou-se pela divisão dos conteúdos dentro de subcategorias que melhor os representavam, segundo articulação proposta por Bardin (1995, p. 119): “É fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados. Este é o procedimento por «Caixas» de que já falamos, aplicável no caso da organização do material decorrer diretamente dos funcionamentos teóricos hipotéticos”.

Após a aplicação metodológica inspirada em etapas da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1995) e Recuero (2015), coletamos e catalogamos os dados reunidos em nosso período de observação e realizamos uma análise interpretativa do material de acordo com os dez pressupostos da maternidade patriarcal, elaborados por Andrea O’Reilly (2016). Segundo a autora, o propósito dessas representações é

⁵ 621 comentários favoráveis + 251 comentários contrários = 872 comentários válidos. 872 comentários válidos + 325 comentários irrelevantes = 1197 classificados. 1197 comentários totais coletados - 108 comentários que aparecem em mais de uma categoria = *corpus* de 1089 comentários coletados.

sustentar a construção patriarcal da maternidade como uma instituição, tornando-a enfraquecedora e opressora para as mães (O'REILLY, 2013; 2016). Essas perspectivas e construções sociais são responsáveis por diversas problemáticas inerentes à realidade das mulheres que maternam, como, por exemplo, a dupla jornada de trabalho, o trabalho não remunerado, a incompatibilidade entre trabalho assalariado e materno, etc. “Isso culmina com as mães sendo oprimidas, cansadas e cheias de culpa por causa do trabalho árduo e da responsabilidade que só elas assumem na maternidade” (O'REILLY, 2013, p.188, tradução nossa).

Os pressupostos sistematizados por O'Reilly são: a essencialização, privatização, individualização, naturalização, normalização, biologização, especialização e intensificação, idealização, e, por fim, despolitização. A essencialização delimita a maternidade como item basilar da identidade feminina. Já a privatização confina o trabalho materno à esfera do lar. A individualização é o que torna o trabalho materno uma responsabilidade exclusiva das mulheres. A naturalização vê a maternidade como inerente às mulheres. A normalização faz menção à família nuclear heteronormativa, na qual a mãe assume o papel de nutridora e o homem de provedor. A biologização prioriza laços consanguíneos, posicionando a mãe biológica como a única mãe verdadeira. A especialização e intensificação sugerem que a criação dos filhos seja sempre orientada por especialistas. A idealização é o processo de definir expectativas inatingíveis para as mães. E, por fim, a despolitização entende a educação dos filhos como um empreendimento individual, por isso, apolítico e sem importância social ou política. (O'REILLY, 2013; 2016)

Ao refletir sobre este contexto, O'Reilly (2013) ressalta que devemos considerar a ideia de que estes pressupostos são produzidos culturalmente e não são intrínsecos à maternidade, ou seja: assim como eles foram construídos socialmente, podem ser desconstruídos. Para a autora, com o recente surgimento dos estudos e dos movimentos sociais e políticos sobre maternidade o “empoderamento materno emergiu como um tema predominante tanto na bolsa de estudos materna quanto no ativismo” (O'REILLY, 2013, p.189, tradução nossa).

Análise dos dados

Considerando o percurso metodológico descrito acima, empreendemos a análise dos dados categorizados à luz dos dez pressupostos ideológicos que moldam a cultura da maternidade patriarcal (O'REILLY, 2016). Aqui é interessante mencionar que não podemos compreender a maternidade como uma realidade universal que se apresenta da mesma forma para todas as mulheres, ignorando as contradições e ambiguidades que existem dentro da vivência materna. Portanto, ocorre que diferentes categorias de comentários podem estar relacionadas com o mesmo pressuposto e vice-versa.

As categorias construídas, bem como seu número de comentários, estão demonstrados nas tabelas a seguir, as quais estão separadas em dois grupos: os comentários de decodificação dominante, e os de decodificação opositiva à mensagem proposta na postagem.

Tabela 2 - comentários favoráveis ao conteúdo da postagem

| Categoria | Quantidade de Comentários |
|----------------------------------|----------------------------------|
| Parabéns | 39 |
| Estereótipo de Força Feminina | 83 |
| Críticas ao Privilégio Masculino | 155 |
| Por isso não quero filhos | 35 |
| Feminismo | 50 |
| Identificação | 190 |
| Cansaço | 69 |

Fonte: as autoras.

Tabela 3 - comentários contrários ao conteúdo da postagem

| Categoria | Quantidade de Comentários |
|--|----------------------------------|
| Críticas | 18 |
| Individualização | 6 |
| Responsabilização da Mulher Pelas ações do homem | 22 |
| Falta Empatia | 14 |
| Drama | 30 |
| Pitaco | 32 |
| Machismo | 78 |
| Nem Todo Homem | 51 |

Fonte: as autoras.

Como apresentado na tabela acima, o número de comentários presentes em nossa amostragem foi separado em duas grandes categorias: dominantes/favoráveis, totalizando 621 comentários, e opositivos/contra, com 251 comentários. Os comentários de cada categoria foram classificados e distribuídos entre as subcategorias, que tiveram como critério para sua sistematização os sentidos vinculados aos enunciados presentes no texto.

A seguir, selecionamos, com base em um filtro quantitativo, as categorias que apresentaram maior número de comentários. Para isso, consideramos para a reflexão aqui proposta quatro categorias favoráveis/dominantes: “Identificação”; “Críticas ao Privilégio Masculino”; “Estereótipo de Força Feminina” e “Cansaço”. As duas categorias que consistem em posições contrárias/opositivas são “Machismo” e “Nem Todo Homem”

Observando inicialmente as leituras e interpretações dominantes/favoráveis, destacamos que a categoria “Estereótipos de Força Feminina” traz comentários majoritariamente feitos por mulheres, congratulando a autora da postagem pelo seu desempenho como “Super Mãe”. Segundo O’Reilly (2016, p.27) essa premissa “estabelece modelos maternos inatingíveis, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade sobre as mães”.

[Comentário 1] Maravilhosa sim, vc e todas essas mulheres que se viram nos 30. Assim como a minha mãe, solteira, se virava tbm. Disse tudo o que penso. Um super homem é uma mulher comum. Abraço em vc e nessas suas fofuras. (*Facebook: Caos e Amor*)

[Comentário 2] Muito legal todo esse processo que fazemos estamos praticamente sozinhas se tornamos guerreiras e rainhas ao mesmo tempo em uma reino solitário com muitas crianças. (*Facebook: Caos e Amor*)

[Comentário 3] É desse jeito mesmo!! nós mulheres, mães, trabalhadoras somos fortes, corajosas e principalmente temos muito amor!! 🥰 (*Facebook: Caos e Amor*)

[Comentário 4] Admiro muito, tem que ser forte pra cuidar de três crianças. Admiro mesmo todas as mulheres que são mães! (*Facebook: Caos e Amor*)

A medida que termos como “guerreira” e “forte” são utilizados para descrever a figura da mãe nos comentários desta categoria, se estabelece uma relação com o pressuposto da essencialização (O’REILLY, 2016), sendo possível observar a ideia de que o trabalho materno é parte intrínseca da identidade feminina. Assim, percebe-se, nestes trechos, que o apoio à mensagem proposta por Maria Dinat não necessariamente significa uma crítica ou uma oposição ao sistema patriarcal que oprime as mulheres/mães, uma vez que justifica/congratula as mulheres por sua força e disposição.

Na sequência, o grupo de comentários “Críticas ao Privilégio Masculino” é composto por menções majoritariamente feitas por mulheres. Nelas, se critica o privilégio dos homens em relação à divisão dos afazeres domésticos e dos cuidados com a criação das crianças.

[Comentário 5] Vdd! Tenho um marido maravilhoso! Ele faz tudo isso que você citou, mas não tem jeito... a responsabilidade, a parte pesada é toda nossa mãães! 🙏😅 (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 6] O mais louco dessa desigualdade é a crença de que o trabalho do pai é sempre mais importante que o da mãe, não importa o quanto a mãe trabalhe fora e em casa. E como as mulheres ainda são discriminadas no mercado de trabalho por serem mães. Basta! (Facebook: Caos e Amor)

Essa questão se relaciona com o pressuposto da individualização, que configura a maternagem como um trabalho individual, direcionado à figura da mãe (O'REILLY, 2016). Assim, compreendemos que os conteúdos presentes nessa categoria abarcam expressões que problematizam a individualização exercida pelas mulheres no papel da maternidade, uma vez que concentra todo o trabalho na figura da mãe, designando ao pai uma posição de quem não executa as mesmas atividades e, quando as faz, não exerce com a mesma qualidade/eficiência.

As interpretações e menções da maternidade ligada à exaustão e a sobrecarga estão concentradas na categoria “Cansaço”. As internautas relatam o esgotamento, tanto emocional quanto físico, relacionado às práticas desgastantes presentes na rotina de criação dos filhos e no cuidado do lar. Além disso, também “fala-se com frequência nessa capacidade que têm as mulheres de fazerem muitas coisas ao mesmo tempo e de conservarem, simultaneamente, investimentos genuínos em interesses diversos” (FERNANDES, 2006, p.3). Essa noção está articulada com o pressuposto da intensificação (O'REILLY, 2016). Essa percepção coloca sobre as mulheres/mães a necessidade de uma rotina multitarefas que em curto, médio e longo prazo coloca a mulher em uma posição de vulnerabilidade.

[Comentário 7] Muito difícil eu tenho 1 menininho muitas vezes fico cansada trabalho muito cedo, rotina diária afazeres de casa e tudo mais outro dia torsi o pé n pude deixar o gesso no tempo necessario que se nao eu nao dava conta rs . Mais quando e deixo ele na creche é uma saudade tao grande rs n sei explicar e amor de mais e coisa de Deus. (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 8] 🙏🙏🙏🙏🙏🙏 isso tudo e ainda tendo mtas vezes que ser a mae para o pai tbm alem de esposa, companheira, amante, ouvinte, enfermeira e maissss um monte de outras funções q se citar aqui fica maior q seu post 😅😅 Somos Mães e nao a Mulher maravilha amoresss (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 9] Muito real... esgotante e cansativo essa desigualdade das tarefas de casa e da educação/criação dos filhos. Precisamos evoluir... eles precisam evoluir... e todos iremos ganhar! (Facebook: Caos e Amor)

Finalmente, a categoria da “Identificação” é a que apresenta maior número de comentários (190). Por esta razão, localizamos nesta seleção posições/interpretações que se relacionam com o maior número de pressupostos que constituem a maternidade como uma opressão patriarcal. No que diz respeito à normalização, que problematiza a limitação das identidades e práticas maternas ao modelo da família nuclear (O’REILLY 2016), os comentários da postagem se direcionam, de forma muito intensa, a compreensão exclusiva de uma organização familiar heteronormativa⁶. Neste contexto, destacam-se as menções relacionadas às dificuldades vivenciadas na maternidade em razão dos diferentes papéis atribuídos aos homens e às mulheres na criação dos filhos, ignorando realidades monoparentais ou até mesmo situações de dupla maternidade ou paternidade.

[Comentário 10] Concordo com você. Não precisamos de maridos ou pais exemplares. Precisamos de um homem, amigo, companheiro, parceiro. Afinal casamento é um contrato e a família é uma equipe. Se a equipe não pegar junto a empresa vai falir. (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 11] Isso ai! Tamo juntas menina! Por essa e outras razões que é o nome da mãe e não do pai que consta no prontuario médico, no cartão do PIS e por ai vai... mãe está sempre a postos, pau pra toda obra... gde bjo. (Facebook: Caos e Amor)

Também nessa categoria, as interlocutoras dos comentários articulam suas falas a fim de concordar com a postagem feita por Maria Dinat e questionam o papel exercido pela mulher, associado às esferas doméstica e laboral. Nota-se, portanto, a possibilidade de problematizações que estejam de acordo com o pressuposto da privatização, que situa o trabalho materno nas esferas reprodutivas e domésticas (O’REILLY, 2016). Este trabalho reprodutivo, como apontamos anteriormente, é realizado majoritariamente pelas mulheres e, por não gerar renda, “têm contribuído para reforçar a subestimação das atividades realizadas por elas na sociedade” (MELO; CASTILHO, 2009, p.1).

[Comentário 12] Migles ❤❤❤❤ é assim, e não temos com quem compartilhar, se falo com alguém sempre o problema do outro é maior, se fala pro marido então?? As vezes me sinto sufocada neste mundo materno. (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 13] Passo por isso tbm, tenho 4 filhos, somos tudo em casa e para eles, somos motorista, cozinheira, lavadeira, faxineira, achamos tudo que está perdido, amiga, mãe, até pq tem horas que mãe amiga não dá certo né então temos que separar essa profissão kkkk. (Facebook: Caos e Amor)

⁶ Essa ideia também aparece fortemente marcada na categoria, anteriormente analisada, de “críticas ao privilégio masculino”, uma vez que ao percebermos que as mães estão reclamando dos maridos/pais, notamos que há uma grande concordância em relação à naturalização da família heteronormativa.

[Comentário 14] Sim, é assim mesmo. Também tive três filhos. A correria era avassaladora. O marido trabalhando o dia todo. Eu trabalhando fora em meio expediente fictício, pois professora leva muito trabalho pra casa. Creche e avó eram boas ajudas. O terceiro filho, temporão, chegou quando não havia mais avós mas em compensação, o marido estava aposentado. Porém, de qualquer forma, a mulher - na maioria das vezes - fica mesmo com o kombi das tarefas. O marido, mesmo aqueles que põem a mão na massa, estão sempre ajudando. (*Facebook: Caos e Amor*)

Segundo Flávia Biroli (2016, p.721), “a divisão sexual do trabalho é uma base fundamental sobre a qual se assentam hierarquias de gênero nas sociedades contemporâneas, ativando restrições e desvantagens que produzem uma posição desigual para as mulheres”. De acordo com a organização social na qual estamos inseridos, quem fica responsável pela realização das atividades relativas ao cuidado, ao lar e à família, são as mulheres. Questão que está, evidentemente, relacionada com o pressuposto da privatização (O’REILLY, 2016).

Ao relatarem um sentimento de identificação com a postagem, as mulheres exprimem alívio, pois se veem representadas nas dificuldades e desafios citados pelo texto e presentes no cotidiano de outras mães. Isto é reflexo da crença de que existe uma maneira única e ideal de ser mãe, imposto pela estrutura de idealização, baseada em “modelos maternos inatingíveis, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade sobre as mães” (O’REILLY, 2016, p.27).

[Comentário 15] Nossa realmente acredito que essa é a realidade de muitas mulheres que na maioria das vezes chega ao extremo da canseira, puro esgotamento físico e emocional e quando falam correm o risco de serem julgadas e taxadas por uma sociedade hipócrita que credita todo o peso de uma casa nas costas das mulheres, infelizmente a igualdade ainda está muito longe de aparecer por aqui. Tenho 4 filhos e me desdubro pra fazer tudo é ainda trabalhar fora 😞. (*Facebook: Caos e Amor*)

[Comentário 16] A minha maior chateação é o estigma q as próprias mulheres tem sobre as outras... E qd vc se expressa q estar exausta por toda uma rotina, não dê ser mãe, mas pq td sobra pra vc e 100 %, ai vem uma mulher com uma “bela” opinião q é assim msm querida, quem pariu “Mateu” q cuide dele. Só q tem um porém, essa mãe exausta, n fez “Mateu” com seu próprio dedo. 🤔👉 Então q ambos cuidem de “Mateu” 🙌👓. (*Facebook: Caos e Amor*)

Desta forma, as mulheres se reconhecem a partir de um lugar de pressão e cobrança em que a comparação com outras mães é constante, pois, os modelos de maternagem são pautados por padrões irreais.

Quando nos voltamos para os comentários que contestam/divergem do post, classificamos para esta análise aqueles que apresentaram maior repercussão entre os sentidos opostos. São as categorias denominadas “Machismo” e “Nem Todo Homem”. O grupo de comentários que compõe a categoria “Nem Todo Homem”

refere-se às menções feitas majoritariamente por homens que não se reconhecem numa “regra” e afirmam estar dispostos a realizar as demandas referentes à instância do lar.

Entretanto, as referências dos internautas posicionam a mulher enquanto protagonista destas atividades. Essa ideia se relaciona, em muitos momentos, com o pressuposto da naturalização, que leva à compreensão de que a maternidade é inerente à natureza feminina e portanto, uma responsabilidade que diz respeito predominantemente às mulheres. Essas crenças fortalecem os estereótipos do maternalismo, uma dimensão performática da maternidade, caracterizada pela ideia de que as mães detêm os saberes absolutos sobre a maternagem (O'REILLY, 2016). Desta maneira, a culpa pela falta de incentivo, sobrecarga e a má divisão de tarefas seria delas, assim como a responsabilidade de ensinar aos demais, principalmente o marido ou companheiro, sobre como criar os filhos:

[Comentário 17] Mas mulher, se ele não te ajuda você não acha que deveria cobrar dele? “Educa-lo?” Reclamar em rede social de desigualdade não a diminui. Em um futuro, quem sabe as coisas mudem, mas hoje são assim. Você tem 2 filhos mais crescidos, ensina eles a ajudarem em casa? Se não, como espera que sejam seres humanos diferentes, homens que dividem tarefas com as esposas? Vida de mãe não é nada fácil (eu tbm sou!), mas só depende da gente escolher NÃO carregar esse fardo tão pesado sozinha. (*Facebook: Caos e Amor*)

[Comentário 18] O problema não está no “você” e sim no tempo do verbo “ter” e do contexto em que ele se encontra. Acho que o melhor teria sido dizer “talvez você deveria ter avaliado não ter tido mais filhos com esse cara”. Ainda assim não adianta nada chorar sobre o leite derramado porque as crianças já existem e são lindas. Melhor é conversar e pedir mais colaboração da parte dele. Que, embora seja considerado um dever, temos que lembrar que ninguém no mundo cumpre com todos os seus deveres. É sempre algo que ficará faltando algo. Ainda mais quando se trata de homens criados numa cultura cristã e patriarcal. (*Facebook: Caos e Amor*)

[Comentário 19] Desculpe, mas é elogiável sim. Fomos criados na forma confortável de apenas assistir a mulherada fazendo tudo. So nos damos conta de quanto é pesado depois de abraçar a rotina. Antes disso, acredite, a gente nem imagina. Quando alguém rompe com isso, vale sim dar um incentivo e colaborar no “treinamento” do cara que nunca fez nada mas agora quer fazer. Abandonar essa zona de conforto é difícil, é uma atitude legal e reclamar que haja elogios por isso só joga contra. (*Facebook: Caos e Amor*)

Já a categoria denominada “Machismo” destaca-se por concentrar um conjunto de comentários em que a ideia da individualização encontra-se bastante dominante. Há, neste grupo, uma série de menções que fazem juízo de valor ao caráter das mães que não representam o modelo idealizado, construído pela sociedade. Essa responsabilização da maternagem por parte da mulher, como é descrito pelo

pressuposto patriarcal da individualização, não só sobrecarrega como subjugas as mulheres, resultando em um processo de domesticação feminina (BIROLI, 2018).

Por outro lado, é interessante observar como alguns posicionamentos ressaltam a ideia de que a mulher é emocional e vulnerável, sendo o homem considerado mais racional e, portanto, mais capaz de comandar o contexto familiar

[Comentário 20] Tudo na vida são fruto das escolhas que fazemos! Essa foi a sua... (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 21] E achei o texto bem vitimista....Se a mulher sabe que ter um filho já suga demais nosso tempo aí a inteligente vai e tem mais 2 🤔🤔🤔🤔 pra depois vim fazer textão na net que a vida tá difícil... (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 22] Querida voce que escolheu esta vida porque reclamar. Voce sendo mae e a sua obrigação cuidar dos filhos e do marido.quem mandou encher a casa de filhos. voceque escolheu agora so ir e frente. (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 23] No primeiro filho ela viu que era difícil, ai foi la e fez mais dois ... (Facebook: Caos e Amor)

Seguindo esta lógica, os comentários analisados nesta categoria ainda questionam e atacam o direito da autora do post, Maria Dinat, de se queixar sobre as dificuldades e a sobrecarga geradas pela maternidade. Assim, sua posição é considerada fruto de rancor, amargura e arrependimento pela decisão de ser mãe. “Esses ideais [...] funcionam ainda, como produtores de distinções e estereótipos, sustentando juízos sobre o valor da vida das pessoas, sobre suas capacidades e seu caráter” (BIROLI, 2018, p. 94).

[Comentário 24] Viaja nesse mundo de feminismo, coitada acha que não precisou de homem pra nascer, feminismo é uma merda criada pelas mulheres que quer ficar acima de todos, pensamento idiota 99% das feminista caga pelo dedo e pela boca. (Facebook: Caos e Amor)

[Comentário 25] Já viveu com quantos homens pra falar tanta bobeira? Mais uma feminista que coloca mulher superior ao homem, muito homem é folgado e não sabe se virar sozinho mas não são todos, quem escolhe o parceiro é a mulher, se escolhe um bonitão da Globo ai o cara não faz nada em casa fica com esses papo de feminista, homem é igual mulher em tudo, se não faz é por que não quer. Agora se a bem vivida manja de tanto homem que “não cuida nem de cacto”, então o problema é onde está procurando esses homens. (Facebook: Caos e Amor)

É interessante perceber, neste último conjunto, que a oposição ao post «Mãe é mãe, né pai?» se dá pela desqualificação da autora ao associá-la ao movimento feminista. Estes enunciados, muitas vezes vazios na argumentação e construídos de forma ofensiva, são bastante ilustrativos para fazer reconhecer as formas pelas quais a construção patriarcal da sociedade sustenta os modos de viver e representar a maternidade. Deste modo, à medida em que a reivindicação por expressões da maternidade que incluem sua complexidade e suas dificuldades suscita resistências e críticas tão contundentes, percebemos que há uma estrutura social e histórica vigente que justifica a necessidade de fortalecer as proposições do feminismo matricêntrico.

Considerações Finais

O percurso que realizamos neste texto teve como objetivo inicial refletir sobre as diferentes formas pelas quais a maternidade é reconhecida e/ou problematizada nas redes sociais digitais enquanto uma instituição que oprime as mulheres/mães. O caso do post “Mãe é mãe, né pai?” é bastante pertinente para elucidar como os movimentos que procuram refletir sobre as dificuldades e as desigualdades que circunscrevem a experiência da maternidade, encontram resistência, por força e operação da cultura patriarcal.

Embora outros exemplos como o de Maria Dinat tenham encontrado espaço na rede com cada vez mais frequência, a grande repercussão deste post através de comentários, compartilhamentos e reportagens confirma que o embaraçamento das esferas públicas e privadas, a busca por dinâmicas mais igualitárias no âmbito do cuidado são ainda um tema sem solução pacífica. A agência dos pressupostos ideológicos que moldam a cultura da maternidade patriarcal em nossa sociedade é uma das responsáveis pela estruturação de uma série de opressões vividas pelas mulheres/mães. «Desse modo, eles enfraquecem a importância da maternagem, desvalorizam socialmente o trabalho materno e ainda promovem modelos maternos inatingíveis» (MENDONÇA, 2018, p.6).

Pudemos observar, durante a produção desta análise, que algumas ideias se mostram preponderantes ao longo do material estudado. Dentre elas, está a alta responsabilização feminina pelo trabalho do cuidado. Os comentários analisados corroboram com a ideia de que se sustenta, em nossa sociedade, a referência que os cuidados dedicados ao lar e à família são majoritariamente destinados à mulher. Em muitos casos, mesmo quando a intenção era apoiar a discussão proposta no post, percebeu-se uma concordância a esta norma, sem uma maior crítica ao sistema e aos agentes envolvidos no processo. Apesar do pouco apoio dos maridos e da invisibilidade de suas necessidades e demandas, alguns relatos apontavam resignação, sendo o amor dos filhos uma recompensa.

Em alguns momentos, internautas que se identificavam com a rotina de Maria Dinat demonstravam a compreensão do funcionamento da sociedade como posto,

atemporal, sem que fosse possível problematizar preceitos que posicionam a mulher como a única responsável pela casa, pelos filhos e, muitas vezes, pelos maridos. As críticas dirigidas à autora do post, questionando sua escolha, sua competência e até mesmo seu afeto, dão conta de quanto as redes sociais podem ser um espaço árido para tratar de assuntos da maternidade a partir de uma perspectiva que confronte a ordem hegemônica. A falta de empatia e até mesmo de reconhecimento por parte daqueles que se veem como uma “exceção à regra”, ajudam a confirmar a queixa da fotógrafa: esta desigualdade cansa.

Por outro lado, a existência de inúmeras vozes que se somaram a dela, defendendo, reconhecendo a importância de debater e transformar a experiência da maternidade a partir do compartilhamento das atividades relacionadas ao cuidado, levam a crer que existe um movimento, que reverbera nas redes e que também se espelha nas vivências e nas práticas do cotidiano. Esse movimento, seja organizado ou espontâneo, pode manifestar uma resignificação da maternidade e da maternagem que está em curso. Uma reivindicação coletiva que pode encontrar, no campo do debate possibilitado nas redes sociais digitais, um espaço frutífero para se ampliar.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Clara. GAMA, Andréa. PIKANÇO, Felícia. CANO, Ignário (Orgs). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil do Século XXI: Mudanças e Permanências*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: _____ (orgs). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1995.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho e democracia. *Dados*, vol. 59, n. 3, 2016, p. 719-754

CAMPANELLA, Bruno. Em busca do reconhecimento midiático: a autorrealização do sujeito na sociedade midiaticizada. *E-Compós*, v. 22, n. 1, jan./mar. 2019, p.1-15

DINAT, Maria. Amor Plural: Mãe é mãe, né pai?. Facebook 2018. Disponível em <<https://www.facebook.com/caoseamor/posts/1880821895312520> > Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Apontamentos sobre a formação de uma crítica feminista de mídia no Brasil. In: BIANCHI, Graziela; WOITOWICZ; ROCHA, Paula (Orgs.) *Gênero, mídia e lutas sociais: percepções críticas e emancipatórias*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2018. p. 11-27.

FERNANDES, Maria Helena. A Mulher-Elástico. In: Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, São Paulo: PUC-SP, 2006, Disponível em: <<http://psicopatologiafundamental.org/pagina-trabalhos-completos-465>> Acesso em 20 de fevereiro de 2021

FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza; POLIVANOV, Beatriz. “ Ninguém fala do lado assustador de ser mãe”: testemunho no Facebook enquanto ruptura de performances idealizadas da maternidade. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, vol. 21, n. 1, jan./abr. 2019, p. 41-50

FORCIONE, Giovanna. Fotógrafa mostra rotina de “supermãe” e post viraliza nas redes sociais. In: Revista Crescer; 2018. <<https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2018/03/fotografa-mostra-rotina-de-supermae-e-post-viraliza-nas-redes-sociais.html/>> Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

FUTEMA, Fabiana. Mãe mostra em fotos a dura rotina com os filhos e a casa. In: Veja; 2018. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/blog/mae-para-toda-obra/mae-mostra-em-fotos-a-dura-rotina-com-os-filhos-e-a-casa>> acesso em 20 de fevereiro de 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres do Brasil*. Edição 2ª. 2021. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf> Acesso em 20 de fevereiro de 2021

KOZINETS, Robert V. Pesquisando online: métodos. In: _____. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre : Penso, 2014

LAUXEN, Jéssica, QUADRADO, Raquel. Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade. *Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad* .V. 04, ed. especial, 2018, p. 1-10. Disponível em <<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/775>> Acesso em 20 de fevereiro de 2021

MAHER, JaneMaree. Skills, not attributes: Rethinking mothering as work. In: *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*, v. 6, n. 2, 2004.

MÃE de três mostra sua rotina nada fácil e post viraliza nas redes sociais. In: *Universa*; 2018 <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/03/30/mae-de-tres-mostra-sua-rotina-nada-facil-e-post-viraliza-nas-redes-sociais> > acesso em 20 de fevereiro de 2021

MASSA, Luíza. Mãe mostra rotina exaustiva com os 3 filhos e post viraliza. In: *Bebê.com.br*; 2018. Disponível: <<https://bebe.abril.com.br/familia/mae-rotina-exaustiva-3-filhos/>> acesso em 20 de fevereiro de 2021.

MENDONÇA, Maria Collier de. O feminismo matricêntrico e o ativismo feminista no Motherhood Initiative for Research and Community Involvement (MIRCI) liderado por Andrea O'Reilly. In: PEDRO, Joana; ZANDONÁ, Jair. (orgs). In: *Anais da III Jornadas do LEGH: feminismo e democracia*. Florianópolis : LEGH/UFSC, 2018, p. 494-505

MELO, Hildete Pereira de; CASTILHO, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz?. *Rev. econ. contemp.* abr. 2009, vol.13, n.1, pp.135-158.

O'REILLY, Andrea. *Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice*. Toronto: Demeter Press, 2016.

_____. "It saved my life": The National Association of Mothers' Centres, Matricentric Pedagogy and Maternal Empowerment. In: *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*. Toronto, ed.: Mothers, Education and Maternal Pedagogies, Spring/Summer, 2013, vol. 4, n.1, p: 185-209.

O'REILLY, Andrea; RUDDICK, Sara. A conversation about maternal thinking. In: *Maternal thinking: Philosophy, politics, practice*, Toronto: Demeter Press, 2009. p. 14-38

PICANÇO, Felícia Silva; DE OLIVEIRA ARAÚJO, Clara Maria. Conflitos desiguais: homens e mulheres na articulação casa-trabalho no Brasil. *Século XXI*, vol. 9, n. 3, 2019, p. 720-749

RECUERO, R. Discutindo Análise de Conteúdo como Método: o #DiadaConsciênciaNegra no Twitter. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, vol. 56, n. 2, 2015, p. 289-309, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641480>>. Acesso em 21 de março de 2021.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. In: _____. *Dar a vida e cuidar a vida: feminismo e ciências sociais*. Campinas: Ed. UNESP, 2004, p. 171-186.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In:_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 365-384.

Recebido em 21/03/2021.

Aceito em 10/06/2021.